

Laboratório DE IMPRENSA



DANIELE ANHOLETE
textos e fotos

danianholete@gig.com.br

PRODUZIDO
PELOS ALUNOS
DO 8º PERÍODO
DO CURSO DE
JORNALISMO

**UNIVER
CIDADE**
DC IPANEMA PARA TODO O RIO



Da esquerda para direita, Rayssa assistida por Thays e Heverton, dono do cão Nino, a quem dá carinho. Na sequência, Erik e Miguel com a equipe do Conviver e o pequeno Fabrício numa sessão de equoterapia com Vanessa Breia

Bichos que cuidam de gente

Técnicas empregam animais para assistir a pacientes em atividades, educação e terapias

Quem é dono de um bichinho, tem em casa mais do que um simples companheiro bonachão. Seja um cachorro, um gato ou qualquer outro animal de estimação, essa pessoa tem também um forte parceiro na prevenção e combate ao estresse, à ansiedade, à pressão alta, à depressão, dentre outros males.

Ter que passear regularmente com o cão pelos quarteirões do bairro e levá-lo periodicamente ao veterinário ou à tosa, por exemplo, é um ótimo estímulo para dar uma caminhada – o que, como todo exercício aeróbico, é ótimo para queimar calorias e reduzir as chances de doenças cardiovasculares. Além disso, essas saídas frequentes podem ser uma boa oportunidade para a pessoa conhecer donos de outros peludos e, com isso, fazer novas amizades. Cuidar de um bicho também ajuda a elevar a autoestima e a autoconfiança, porque traz o sentimento de que se é importante para aquele ser e querido por ele. A afetividade e o contato físico que se tem ao trocar carícias com o animalzinho faz com que o cérebro produza neuro-transmissores e hormônios – como a endorfina e a oxitocina, responsáveis pela sensação de prazer, que melhoram o humor, amenizam possíveis dores e reforçam o sistema imunológico – o que, portanto, ajudam o organismo a se proteger de diversas infecções. Assim como a forma calorosa com que o animal recebe o dono ao chegar em casa após um dia cansativo de trabalho e as constantes brincadeiras lúdicas com ele ajudam a aliviar as tensões do dia-a-dia, diminuindo os níveis de cortisol na corrente sanguínea.

“Os animais nos deixam acreditar que nós os ajudamos, mas, na verdade, eles nos ajudam muito mais”, diz a psicóloga Luisa Nobrega, que conta que muitas vezes orienta os pacientes a adquirirem algum animal de estimação, de acordo com cada caso. Ela completa: “A própria alegria do animal, o convívio com ele já é um remédio para saúde.”

Cientes desses benefícios, comprovados em vários estudos, profissionais das áreas da saúde e da educação aplicam, paralelamente a tratamentos convencionais, técnicas nas quais a atuação dos animais contribui para uma melhora significativa tanto na saúde física, quanto na mental, como na saúde emocional dos pacientes, além de ajudá-los a assimilar melhor o aprendizado. São elas: a Atividade Assistida por Animais (AAA), a Educação Assistida por Animais (EAA) e a Terapia Assistida por Animais (TAA).

A AAA e a TAA são realizadas por meio do contato físico, recreação e outras interações entre pacientes e animais, com o objetivo de promover o bem-estar, melhorar o quadro geral da saúde e estimular o desenvolvimento cognitivo, sensorial e motor dessas pessoas, auxiliando-as na melhoria da qualidade de vida e na reabilitação global. Para alguém que tem rigidez muscular causada pelo mal de Parkinson, por exemplo, um simples esticar de braço durante uma sessão de fisioterapia pode ser um trabalho árduo e frustrante – o que poderá deixar o paciente ainda mais tenso, limitado e desanimado em seguir em frente. Mas tentar fazê-lo por sentir uma vontade irresistível de acarinhar um lindo e gracioso cacorrinho é um estímulo emocional que ajudará o movimento ser executado com muito mais facilidade. Além disso, tais técnicas também estimulam o equilíbrio, a fala, a expressão de sentimentos, a imaginação e o autoconhecimento.

A profissional Shirley Gomes conta que quando trabalhou como voluntária num projeto de TAA, ela o fazia associado a um dos métodos da fisioterapia para uma melhor eficácia no tratamento a crianças especiais. A fisioterapeuta se emociona ao se lembrar do caso de um menino de 12 anos: “Gravemente comprometido, ele nada realizava sem auxílio da mãe. Não andava, não sentava, não sustentava a cabeça e apresentava sialorréia intensa (babava muito). E com seis meses de tratamento com a TAA, já sentava



O dócil cãozinho Nino atua no projeto que tem seu nome

sozinho e, com a reorganização da coluna, conseguia manter a cabeça ereta e, por conta disso, mantinha a boca fechada, evitando a sialorréia. Houve mais interação dele no colégio, porque, como passou a se sentar, se juntou aos colegas para realizar seus trabalhos na mesa”, relata.

Atualmente, esse projeto conta com outra fisioterapeuta, além de uma psicóloga e do veterinário que o criou e utiliza o próprio animal de estimação para realizá-lo. Com o nome desse animal, o Projeto Nino aplica a cinoterapia (TAA com cão) na Fundação Amélia Dias (Famad) – instituição de utilidade pública, sem fins lucrativos, que presta assistência gratuita a menores com necessidades especiais. Um deles é Rhyssa Diir Conceição Privado, de sete anos. Diagnosticada com autismo, ela tem muita dificuldade de se concentrar, se comunicar e se relacionar, como conta o veterinário Heverton Gonçalves: “Para o autista, a dificuldade de interagir é muito grande. Então, quando a faço jogar um

bri nquedo (para o cão Nino) já é grande coisa”, diz o veterinário, que explica que o trabalho com ela é de contê-la, de lhe impor limites e ensiná-la a fazer o que lhe é proposto. “É um trabalho que tem que ter muita persistência”, afirma o profissional, que trabalha com a TAA há 12 anos e está se especializando em Neurociência Aplicada à Reabilitação Humana junto com a fisioterapeuta da equipe, Thaís Nogueira. A mãe da menina, Aline Diir Conceição Privado, de 41 anos, já observa êxito no tratamento iniciado em fevereiro: “Ela começou atender melhor os nossos comandos. Passou a ter mais limites”, conta a bombeira militar.

Outro tipo de muito comum de TAA é a equoterapia, que é feita com cavalo. A marcha ritmada do animal força o desenvolvimento neuropsicomotor e a melhora do equilíbrio e da postura do tronco de quem o monta. Com essa prática, o Centro de Equoterapia Conviver apresenta bons resultados nas crianças com paralisia cerebral, que tam-

bém participam de um projeto de pesquisa. Uma delas é Erick Arruda dos Santos Pereira, de quatro anos. Com um caso grave da doença, ele não fala, não anda e não tem nenhuma autonomia para se movimentar. Porém, com mais de dois anos de terapia, a mãe, Fabrisia Arruda dos Santos, de 29 anos, notou alguns avanços nele: “Ele está interagindo mais com as pessoas e agora senta a poitado”, conta a moça ao perceber que o menino tem reações sutis quando alguém o estimula e está com mais tônus muscular. Assim como ele, Fabrício dos Santos Assis, de cinco anos, também não fala. E também era estático até que ao longo de mais de dois anos de tratamento, passou a se mover, embora seja ca-deirante. “Ele está com mais postura, mais firmeza no corpo, mais equilíbrio e está mais sociável”, se orgulha a mãe, Isabel Cristina dos Santos, de 41 anos. Já Miguel Dionn Nani Martins Emiliano, de três anos, é uma criança mais desenvolvida, que fala, se movimentava e obteve melhoras ainda maiores. “Ele começou a andar em janeiro. Depois de um mês de tratamento, começou a se sentar sozinho, sem apoio, sem nada”, comemora Fabíula Nani Martins, de 34 anos, que notou também que o filho está mais ativo: “Ele está mais esperto, mexe mais nas coisas, gosta de ouvir musiquinha, bate palmas”, explica a mãe, que é dona de casa assim como as outras duas. “Todas essas crianças, só de estar aqui fazendo a equoterapia, já estão tendo um ganho muito grande”, afirma a psicóloga e psicomotricista Vanessa Breia, especialista em Desenvolvimento e Saúde Mental Infância-juvenil e professora/pesquisadora na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), além de coordenadora do projeto, que conta com uma equipe que a auxilia.

A diferença entre a atividade e a terapia, é que a primeira não requer a supervisão de um especialista e pode ser feita livremente e em grupo. Enquanto que a segunda, necessita do acompanhamento profissional de uma equipe multidisciplinar e o tratamento é individual e personalizado de acordo com as necessidades de cada assistido.

Já é EAA é uma técnica pedagógica na qual o educador utiliza o animal como agente motivador no processo de ensino a pessoas com alguma dificuldade de aprendizagem, seja por algum distúrbio, como uma síndrome ou uma disfunção, ou por algum fator de ordem emocional, psicológica ou social, como uma timidez. Uma criança em fase de alfabetização, por exemplo, pode ficar inibida ao ter que ler em voz alta na sala de aula, pois o acanhamento e o medo de gaguejar ou errar a pronúncia das palavras poderá torná-la alvo de gozação e desdém dos coleguinhas. Mas se ela tiver que ler uma historinha para um cão, a atividade lhe será bem mais agradável e a fala fluirá mais naturalmente, já que o animal, a lêm de ser bom ouvinte, não lhe fará nenhum tipo de crítica ou julgamento. E, então, ela se sentirá mais à vontade, segura, confiante e, conseqüentemente, desenvolverá melhor a habilidade de comunicação e socialização. E esse é o trabalho realizado nas escolas que usam o Reading Education Assistance Dogs (Read) – Assistência de Cães na Leitura Educacional, em português – que é um programa criado nos Estados Unidos e que também está presente no Canadá e no Reino Unido. Além dessa, há também outras tarefas na EAA, adequadas ao caso de cada educando.

Não somente os humanos saem ganhando com todos esses métodos. Em vez de passar o dia ociosos e sedentários, os animais coterapeutas preenchem o tempo se divertindo, recebendo atenção, carinho e amor, além de se movimentar e desgastar a energia acumulada – o que é essencial para a saúde deles também. “Os animais se beneficiam até bastante, eu sempre falo. Estão sempre sendo estimulados de uma forma positiva. E isso é um ganho muito grande, tanto neurologicalmente, como fisicamente para eles”, conclui o veterinário Heverton. Essa interação homem-animal é, portanto, uma relação na qual ambos se favorecem mutuamente, como afirma o profissional.